

o-te, e lembra-me prova de vigor.

A única nuvem ôrça para a levar mira pesa cento tares ao ar num bstituido... Sal-á venho...

Mas D. Palmira, azedada, não se aplacava, e insistia:

— Para que inventou você, seu moço, o tal Álvaro Roldão que podia consigo ao colo? Para quê?

— Eu não inventei nada — murmurou Acácio, sucumbido, muito lívido.

— Você não inventou, mas onde está o homem?

E D. Palmira circum-olhava com ar mortificado, entediada, de respiração sibilante, continuando a moer a sua decepção:

— Você me agrava a bronquite... Você não ouve a chiadeira?... Você é um ingrato... Cama e mesa, lavadeira, engomadeira, roupas, jóias, charutos, mulher, criada, é pouco, hein? Você faz pouco de mim. Você me machucou a alma, entende? Você me parece um bilontra... vê?

— Mas, Palmira... — começou Acácio Gaspar, coçando enêrgicamente o nariz, mordendo o lábio inferior, respirando com ruído e ânsia. Ela fez-lhe, porém, um gesto imperioso. Ouvira passos no patamar. Queria saber... Seria, realmente, o tal Álvaro Roldão que, tendo saído por qualquer motivo ignoto, regressava agora a impor a sua fôrça? Ah! se fôsse êle, e se a erguesse ao colo, não hesitaria, punha o Acácio no ôlho da rua. De que lhe serviria aquele moliqueiro, sempre com cara de aborrecido, uma espécie de manequim e de fonógrafo, sem pilhêria nenhuma, cansado, sonolento, amarelo como um limão a amadurar?

Mas quem entrou foi a mulata, mexida e volumosa, de olhar profundo.

— Ah! é você, Landelina? — gemeu D. Palmira, de vísceras em tumulto.

— Eu, sinhá.

E a mulata, membruda e hedionda, fechou a porta sôbre si e parou à entrada da saleta com o cabaz das compras ao alto, a anunciar grandes despesas e grande sortido, ou talvez um escândalo. Mas, nisto, fez um gesto convulso, depois de olhar à roda, com agitação e pasmado:

— Sinhá, quem levou daqui os castiçais de prata?... Oh! e o cofrezinho de tartaruga?...

Santo Antônio! e o relójo?...

E, pousando o cabaz, pôs-se a percorrer a saleta, esquadrinhando, resmungando, bufando com imenso fragor.

— Continua na página número 103 —



VARIACÕES SOBRE UM TEMA DE HISTÓRIA

POR ALBERTO BESSA

ninguém escapa, porque a todos domina como soberano absoluto, como ditador inflexível.

Se alguma coisa há de grande, para todos nós, na vida, é seguramente o ideal a que aspiramos; de quem o não tenha poderá dizer-se que vegeta ou se move, mas não que vive; e oferecendo-se o amor à nossa alma como um bem supremo, claro é que o ideal dele emanado será também o supremo ideal, que cada um concebe segundo a noção que do amor possui. Desde aquela que o considera como um reflexo da divindade tomando habitação no corpo humano, até à que o julga como sendo uma enfermidade que se cura com o tempo, têm aparecido, desde que o mundo é mundo, centenas e

luxúria para apresentar-se na boa sociedade.

Um escritor espanhol, Octavio Picon, considerava-o apenas como sendo a ânsia de gozar aquelas perfeições com que a imaginação e o desejo adornam a realidade e em que supomos ver cumprido o bem que anelamos, como crê encontrá-lo o árabe, sequioso e fatigado, ao ver formar-se no horizonte do deserto o espelhismo, cujas imagens lhe apresentam doces remansos, sombrios arvoredos e cristalinas águas.

Ao andar, que é o viver, vai-se desvanecendo pouco a pouco o fenómeno, óptico nuns casos, moral em outros; e quando o termo do

centenas de opiniões sobre o amor: é causa para uns, efeito para outros, ditas sem conta para este, inumeráveis infortúnios para aquele; alguns o consideram almade toda a criação, como também não falta quem diga que êle é apenas o traje envergado pela

Na gravura: «A volta do mar», quadro de Fuhlenberg



«Á beira do abismo», composição de O. Bianca

que o amor tem em si, e graças ao qual se converte numa potência disciplinável, num princípio de ordem e de progresso, encontrando no casamento o seu desenvolvimento normal.

O Cristianismo por uma parte, e os costumes germânicos por outra, criaram uma fórmula de amor — o amor cavalheiresco, que foi o inspirador de grandes acções arquivadas na história. Depois veio o amor romântico, ou amor galante, o qual, por vezes, nada tinha disso, como se pode ver em certas crónicas do tempo.

Como um exemplo da violência do amor romântico pode citar-se, entre outros, o caso

de Gonta Colaço: de aquele estudante de Oxford, que foi passar umas férias a Nova York, e deparou ali, ao balcão de um restaurante onde ia almoçar, com uma linda rapariga pela qual logo se apaixonou loucamente, desejando fazê-la sua esposa.

A diferença de posição assegurou-se-lhe logo ser um sério obstáculo à consecução do seu desejo, pois a modesta empregada não acreditaria facilmente que um homem de esfera muito superior à sua a requestasse com bons intuitos, e na hipótese de acreditar nos seus protestos de amor, ficar-lhe-ia a ele a dúvida de haver sido aceito por causa da sua fortuna. E de tal violência era o amor que sentia, que solicitou e obteve um lugar de criado no estabelecimento onde trabalhava a linda mulher que o enfeitiçara. Dentro de alguns meses realizou-se o casamento; e, quando a pobre empregada do restaurante se julgava casada com um simples criado de mesa, encontrou-se esposa de um gentleman, com uma fortuna considerável, com a qual absolutamente não contara.

Entre nós conhecem-se exemplos de todas as modalidades do amor a que fizemos alusão, desde o violento até ao platónico — que nada tem, afinal, de comum com o ideal filosófico de Platão. É o amor que se alheia da posse e gozo do objecto amado, mas que, por vezes, não tarda a transformar-se em efectivo... Modernamente chama-se *flirt*, e é deste modo, com toda a felicidade, descrito por D. Branca

*Flirt é um fio dourado
sobre um rio atravessado
todo luz.
Amor é o nome do rio...
Quem não sabe andar no fio,
catrapuz!*

O *flirt* também já foi cantado na *Musa irónica*, do ilustre polígrafo, que é um dos directores desta revista, Dr. Campos Monteiro. A palavra é inglesa, mas o *flirt*, ele lá o diz:

..... é a francesa
que tem maior virtude e mais sabor.
Há também quem o faça à portuguesa,
porém na tradução perde o valor.

É que, com o feito amurado dos portugueses, o mergulho — o tal *catrapuz*! — é quasi certo, e desse mergulho nem sempre se salva a moralidade...

Ainda houve um outro amor — o amor freirático, também da categoria do platónico, à excepção dos conhecidos casos do Chamilly com a freira de Beja, do nosso D. João V com a freira de Odiveelas, e de outros que a história registou ou deixou de registar.

Geralmente, o amor freirático ficava-se pelas grades dos mosteiros, a alambasarse com os doces fabricados na comunidade. Aqueles dois que ficam citados, e outros que tais, esses só paravam lá dentro, no concheço silencioso da clausura...

Rebêlo da Silva, no seu livro *A Mocidade de D. João V*, a estes amores freiráticos se refere, chamando-lhes «casta adoração, que ardendo sobre si mesma, se consumia em suspiros vãos, não ousando profanar o objecto querido». As memórias do tempo estão realmente cheias destas paixões, flores sem frutos, por fora gelo como a sepultura em que se criavam; por dentro ainda quentes de todo o incêndio que as abrasou. Ele nos diz também que ainda hoje rescendem aos perfumes freiráticos os sonetos e glosas dos poetas do tempo, «em que os vates, acesos na sacra chama, refinavam a vida, muito mais ideal que a ronceira existência



«Promessas de amor eterno», desenho de Rudau

desta época de prosa ruím e de algarismos falsos».

Nesse tempo, a mulher era a preocupação constante do homem, de imaginação cándida, povoada de sonhos ardentes e de ilusões douradas, que com tudo se sobressaltava e tudo a engrandecia: o arfar das rendas no alvo colo da mulher, o ranger das sedas quando a via atravessar, donairoso e altiva, as salas de um baile; era um entusiasmo fervente, e ao mesmo tempo ignorante e ingénuo, desesperoso durando horas infinitas, lágrimas abundantes sulcando-lhe as faces no anseio febril do ideal mais ou menos atingível.

C I V I L I Z A Ç Ã O

As mulheres eram consideradas, nos versos de Lamartine, como

*..... anges mortels, création divine,
Seul rayon dont la vie un moment s'illumine.*

Tudo se modificou e transformou, porém, com o dobar do tempo. As Heloíças, as Júlias, as Safos — é ainda Latino Coelho que no-lo diz — estão em pequena minoria diante das Frinés, das Lais e das Ninons! Vénus suplantou Diana! O amor já não é cego, porque em tempo nenhum precisou mais de ver e de calcular; arrancou a venda e substituiu-a por um microscópio, porque o amor agora estuda, compara e analisa.

Despugou as asas e sentou-se comodamente no fundo do automóvel; e agora, com o avião, pode até não só voar sem esforço próprio, mas fugir mais depressa.

A mulher deixou de ser o ente misterioso cantado nas estrofes de todas as líras, para se tornar num objecto evidente, mesmo muito mais evidente do que seria necessário para se dar a conhecer.

Vai longe o tempo em que se justificava aquela popularizada copla da zarzuela *Marina*,

que o Maximino fez exhibir no extinto teatro Baquet, nos bons anos da nossa já distante mocidade:

*No enseñes en la playa
la pantorrilla,
que hay muchos tiburones
junto á la orilla.
Y es una pesca,
que anda siempre acechando
la carne fresca.*

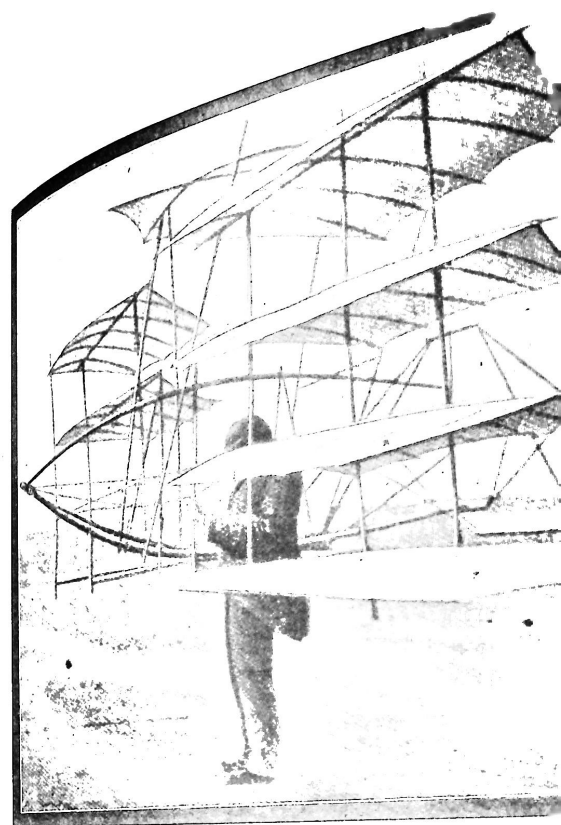
Ela, a mulher, hoje não tem receio algum dos tubarões, e a sua cega obediência à moda leva-a, não só a *enseñar la pantorrilla*, mas também a *enseñar todo lo mas* que se segue na ordem ascendente, de modo que mais acertada lhe cabe aquela outra copla da zarzuela chica, que toda a gente conhece, na qual se diz que

*el chulapon pasea por Madrid
luciendo todo lo que Dios le dió...*

o que por certo justifica a sentença do filósofo da antiguidade, conhecedor da matéria, afirmando-nos que «a mulher é uma contradição vivente». Mas, apesar de tudo, que Deus a conserve na terra por muitos anos e bons, com a moda actual.



«Idílio na fonte», quadro de G. Gamberini



O VÔO VEL SERÁ UM F DENTRO EM F



O HOMEM-PÁSSARO é uma ambição que, nasce na mitologia. Séculos em fóra sempre o homem se sentiu preso ao desejo intenso de se elevar no espaço — farto das canseiras da terra, sedento de impressões que lhe permitissem qualquer coisa de novidade. Da *passarola* do nosso Bartolomeu de Gusmão aos formidáveis aparelhos de doze metros — quantas tentativas falhadas, quantas progressos, como os deuses, parece com a imolação de vítimas em seu

dificultad A vida intensa de hoje é toda de senhada em velocidade.